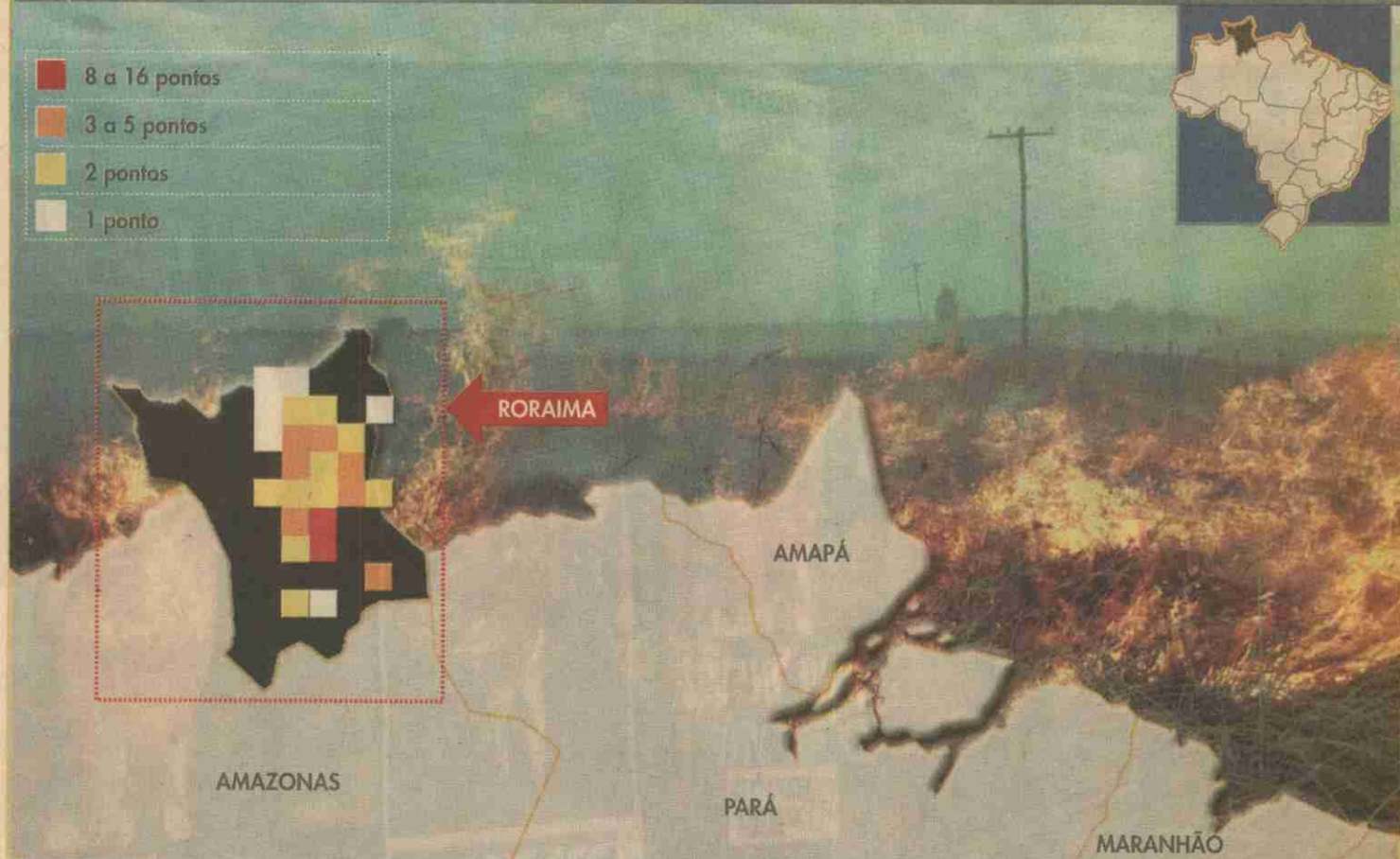


QUEIMADAS EM RORAIMA

Número de focos de incêndio em janeiro

- 8 a 16 pontos
- 3 a 5 pontos
- 2 pontos
- 1 ponto



Fonte: Embrapa

ArtEstado/Foto: Jaedson Alves/AE

Ibama controla queimadas com mutirões

Permissões para as queimadas em Roraima podem ser suspensas se a chuva não vier

LIANA JOHN

A realização de queimadas autorizadas, em Roraima, está condicionada à formação de mutirões, para evitar a perda de controle do fogo. As queimadas comunitárias são vigiadas com ajuda de um helicóptero e pelas brigadas de agricultores, treinadas nos últimos dois anos. Na queimada comunitária, os vizinhos reúnem-se e queimam as roças no mesmo dia, depois de construir os aceiros (trechos de terreno limpo para cortar o fogo), segundo informa João Antônio Raposo Pereira, gerente do Proarco, o programa de acompanhamento do Arco do Desflorestamento, no Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Ele ainda está acompanhando as condições meteorológicas e, se a seca se agravar, pode suspender as autorizações. Na próxima semana, inicia-se

uma campanha na mídia escrita, rádio e TV para alertar a população quanto aos riscos do uso do fogo. Pelo menos 600 lideranças rurais foram treinadas e existem cinco brigadas federais e cinco estaduais de prontidão, com brigadistas recebendo um salário mínimo de ajuda de custo por mês, entre dezembro e março. O treinamento prossegue até 22 de fevereiro, nas áreas indígenas.

Os meses de janeiro, fevereiro e março são o auge da seca em Roraima e as queimadas são comuns, autorizadas ou não, assim como o fogo de beira de estrada. Porém, para que se transformem em incêndios descontrolados, é preciso que a floresta esteja excepcionalmente seca, do contrário o fogo se extingue sozinho, ao atingir a borda da mata úmida. Embora tenha chovido abaixo da média em dezembro e janeiro, as chuvas foram acima da média em quase toda a Amazônia e as condições da vegetação

nativa não se comparam às do início de 1998, quando o fogo fugiu ao controle, causando um desastre ambiental sem precedentes no Estado.

“Naquele ano, uma estação seca pronunciada seguiu-se a uma estação chuvosa abaixo da média, por influência do fenômeno El Niño. Tivemos muitos meses com chuvas abaixo da média. Neste ano, ainda temos um balanço hídrico favorável, que dá às florestas maior capacidade de suporte”, observa Wilfrid Schroeder, meteorologista do Proarco.

Os solos dos lavrados – campos naturais, cortados por buritizais, que ocupam quase um quarto do Estado – encharcam e secam com mais rapidez, facilitando a proliferação do fogo no capim. Nas florestas, a retenção da água é mais prolongada e a vegetação não pega fogo tão fácil. “Estamos sobrevoando diversas áreas, desde dezembro, e em muitas delas ainda se pode ver

o afloramento do lençol freático, indicando que a região está úmida”, diz Schroeder.

Incêndio – Até 1998, não se processavam regularmente as imagens de satélite dos focos de fogo, no extremo norte do País. O calendário de monitoramento seguia a estação seca do Hemisfério Sul e o satélite não captava imagens de boa parte de Roraima. Depois do incêndio de 1998, o monitoramento para o Proarco passou a ser contínuo e, este ano, os dados do satélite NOAA-12, processados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e pela Embrapa Monitoramento por Satélite, estão disponíveis para a mídia.

Segundo o mapa de janeiro, ocorreram 78 focos de fogo de grandes proporções, em todo o Estado. A grande maioria se concentra ao longo da estrada Manaus-Caracas, sobretudo entre Caracará e Boa Vista, em áreas ocupadas por fazendas, assentamentos ou projetos de colonização, caracterizando queimadas agrícolas. Uma parte dos focos está localizada na extensa área de lavrados do nordeste de Roraima.

SECA TEM SEU AUGE NO PRIMEIRO TRIMESTRE